

A globalização numa visão histórica

*Jorge Miglioli**

Desde a Antigüidade o mundo tem apresentado uma tendência para a "globalização", no sentido de integração e uniformização de povos de territórios situados em diferentes regiões, abrangendo áreas, contíguas ou não, de vastas dimensões. Desde seu início e até recentemente, essa tendência se expressava nas tentativas de formação de grandes impérios, em geral politicamente organizados sob um comando central.

A história registra uma longa lista de exemplos. O Império Assírio (de 850 a 650 a.C.) talvez possa ser considerado o primeiro caso relevante dessa tendência. Depois vieram o Império Persa (século VI a.C.) e o Império de Alexandre o Grande (século IV a.C), ambos ocupando aproximadamente a mesma área. Mas o caso mais notável da Antigüidade foi, sem dúvida, o do Império Romano, que atingiu seu apogeu territorial nas primeiras décadas do século II a.C. Já na Idade Média européia, a tendência à globalização é reforçada pela expansão do cristianismo na Europa e do islamismo na Ásia e norte da África e pela constituição de novos impérios nessas regiões, como o Reino dos Francos, o Sacro Império Romano, o Califado dos Abassidas. A partir do século XVI, com as grandes navegações e as descobertas de novas áreas do mundo pelos europeus, as nações européias mais poderosas foram conquistando territórios e formando colônias nos diversos continentes; pode-se dizer que esse movimento culminou

* Professor do Departamento de Sociologia da UNESP - Campus de Araraquara.

com a formação do grande Império Britânico, onde, como diziam orgulhosamente os ingleses da época da rainha Vitória, "o sol jamais se punha", visto que, tendo seu núcleo no Reino Unido, o Império ia da Nova Zelândia e Austrália até o Canadá, passando pelo sul da Ásia, o Oriente Médio e vastas áreas da África.

Nas várias "experiências" históricas de globalização, manifestas principalmente na constituição de grandes impérios, podem ser observadas algumas características comuns: 1) existe sempre um centro dominante; 2) esse centro impõe ou procura impor às áreas dominadas suas formas de organização sócio-econômica, suas regras jurídicas, sua cultura, e às vezes também sua religião (como o islamismo e o cristianismo em suas diferentes versões) e sua língua (por exemplo, o latim, o árabe, o inglês); 3) o motivo que leva um determinado centro a se impor e a se expandir sobre outras áreas é sempre a busca de mais poder, tanto econômico como político e militar: parte do excedente econômico gerado nas áreas dominadas é transferida para o centro, aumentando sua riqueza e, daí, também sua força política e militar.

Embora a tendência à globalização seja visível desde tempos remotos e se tenha intensificado no decorrer da história, e embora as várias tentativas de integração e unificação - de maior ou menor amplitude - apresentem certas características comuns, não se pode exagerar na procura de semelhanças entre elas, pela simples e crucial razão de que aconteceram em diferentes momentos históricos e em circunstâncias determinadas.

Além disto, embora a globalização seja uma tendência observável ao longo dos tempos, ela não ocorre de maneira contínua, mas sim apresenta avanços e recuos: após uma determinada onda de globalização (ou, mais precisamente, após um esforço de unificação de diferentes territórios), a área unificada tende a fragmentar-se, dando surgimento a uma variedade de nações, novas ou já existentes antes da unificação. Assim, o processo de globalização não tem sido cumulativo; se o fosse, considerando sua longa história, estaríamos vivendo agora num mundo completamente unificado e uniformizado.

Portanto, a história mostra a existência de dois processos contrários, ocorrendo ao mesmo tempo ou alternadamente: a globalização e a fragmentação de territórios. Não cabe aqui discutir os motivos dos movimentos de fragmentação, os quais devem ser procurados tanto no centro dominante, como nos povos que lutam por sua independência desse centro, como também, muitas vezes, em agentes externos que solapam a existência da área unificada. De qualquer modo, é possível detectar momentos da história em que a tendência à fragmentação se torna predominante, no mundo em geral ou em áreas determinadas. No século XX, três desses momentos foram marcantes: na Europa, após a Primeira Guerra Mundial; no mundo, após a Segunda Guerra Mundial, com o processo de descolonização na Ásia e na África; finalmente, em anos recentes, com o fim do "império soviético" (englobando a União Soviética e seus países "satélites").

O processo de globalização dos dias de hoje (isto é, desta década de 1990) tem gerado um grande fascínio - provocando às vezes deslumbramento e outras vezes desagrado -, como se fosse um fenômeno inusitado na história da humanidade. Na verdade, trata-se de uma nova onda da velha tendência. Mas, sem dúvida, essa nova onda, como outras novas ondas do passado (inclusive uma deste século, a da formação do "mundo comunista", iniciada com a Revolução Russa de 1917, amplificada logo após a Segunda Guerra Mundial e esgotada na década de 1960), apresenta um conjunto de características próprias. Algumas dessas características, por causa de sua maior visibilidade, provocam fascínio e geram fantasias futuristas. Entre essas características, podemos mencionar: o fato de que o atual movimento de globalização abranje um grande número de países em todos os continentes e afeta, com maior ou menor intensidade, todos os outros; o caráter plurinacional da produção de diversos tipos de bens (ou seja, bens cujos componentes são produzidos em diferentes países); a rapidez de movimentação internacional do capital, tanto para fins produtivos como para especulações; em quarto lugar (e talvez o elemento mais perceptível), a padronização mundial dos bens

consumidos, da composição do consumo, da cultura e arte das massas etc; neste ponto, pode-se dizer, por exemplo, no que se refere aos jovens da classe média, que jamais como agora um americano do norte ou do sul, um europeu e um japonês foram tão parecidos.

Apesar de todas essas características facilmente observáveis, não se pode dizer que a atual onda seja um processo inteiramente novo. Ela constitui a expressão contemporânea da tendência iniciada com o surgimento e a consolidação do modo capitalista de produção. Antes disso, o processo de globalização, manifesto na formação de impérios, além de ter seus objetivos políticos e militares, utilizava-se de uma forma primitiva de extração de riquezas das áreas dominadas pelo poder central: saques, pilhagens, exploração brutal dos trabalhadores locais, apropriação direta dos recursos naturais dessas áreas. Essa forma primitiva se mantém até o nascimento do capitalismo, quando então o processo expropriativo das áreas dominadas assume um caráter mais sistemático, mais racional e também mais disfarçado - através de empresas organizadas, com regras de funcionamento e de produção. O capitalismo, com sua necessidade de crescente e contínua acumulação de capital e de ampliação de mercados, dá um novo impulso à tendência para a globalização.

Quando surge e começa a impor-se, o capitalismo tem limites nacionais. Mesmo para operar em escala nacional, o capitalismo foi obrigado a romper as barreiras criadas pelo sistema feudal: diversidade de moedas, de tributos, de regulamentações. Depois disso, e para continuar acelerando sua produção, os capitalismo nacionais, competindo entre si, tiveram de buscar novos mercados, não apenas onde vender parte de sua produção mas também onde pudessem encontrar os recursos naturais de que precisavam, a preços baixos. Surge aí o capitalismo colonial, do qual a Inglaterra foi o maior expoente, incorporando regiões antes independentes.

Esse sistema sofreu um impacto durante a Primeira Guerra Mundial mas sobreviveu até a Segunda, sendo responsável não

apenas por essas duas grandes guerras mas também por diversos conflitos armados mais restritos, todos como resultados da competição extremada entre os países centrais e, de outro lado, entre esses países e as nações dominadas.

Nesse sistema, a forma principal de exploração econômica das áreas dominadas era através do comércio entre essas áreas e os países dominantes, ou seja, através do diferencial de preços entre os produtos vendidos e os comprados por esses países. A isso se acrescentava outra forma de exploração: através dos empréstimos concedidos por esses países para seus dominados. Mas já na passagem do século XIX para o XX começa a aparecer uma nova modalidade de exploração: o investimento direto em atividades realizadas nos próprios países dominados (indústrias, transportes, serviços etc), que retorna de modo ampliado aos países dominantes através de um fluxo permanente de lucros. A essa nova modalidade de exploração, coexistindo com as anteriores, deu-se o nome de imperialismo econômico, que no decorrer do século XX tornou-se a modalidade principal.

O imperialismo não é resultado apenas do anseio, por parte dos capitalistas dos países dominantes, de ampliar seus lucros e seus capitais. A desagregação dos impérios coloniais e a fragmentação dos territórios em um conjunto de países politicamente soberanos têm aí um papel importante. A burguesia que surge ou cresce nesses países também deseja enriquecer e aumentar seu poder interno, e para isso precisa não apenas de independência política mas também de promover a modernização econômica de seus países, e procura atrair investimentos diretos do exterior. Essa ação é facilitada pela existência de acirrada competição entre os capitalistas estrangeiros. Após a Segunda Guerra Mundial, ou seja, com a instauração da chamada "guerra fria", essa ação foi ainda mais facilitada pelo medo, por parte das grandes potências capitalistas, de que esses países enveredassem por caminhos nacionalistas ou, pior ainda, caíssem na órbita de influência da União Soviética.

A globalização atual é manifestação da tendência expansionista do sistema capitalista num momento histórico específico, que a diferencia de outros momentos históricos. Assim, ela efetivamente apresenta algumas características novas, além daqueles elementos mais visíveis anteriormente mencionados. Para começar, ela se apoia numa revolução tecnológica nos meios de produção, de transporte e de comunicação que possibilita materialmente a amplitude territorial atingida por essa globalização.

Em segundo lugar, a globalização atual tenta superar sua contradição com a tendência à fragmentação e, portanto, evitar a necessidade de formação de impérios como instrumento de agregação de territórios. Isso é feito por meio da incorporação real ou potencial (isto é, num futuro indeterminado e incerto) das economias atrasadas à economia dos países capitalistas mais avançados. A imagem que se propaga pelo mundo é a dos países subdesenvolvidos transformando-se agora em "emergentes" para, num passo posterior, tornarem-se desenvolvidos. À burguesia desses países é oferecida a associação real ou potencial com a burguesia dos países dominantes, através da junção direta de empresas ou através do mercado financeiro. Mas para que os países "emergentes" passem a desenvolvidos e suas burguesias integrem a grande burguesia internacional, é-lhes imposto um conjunto de medidas econômicas que, supostamente, fazem com que os países desenvolvidos sejam efetivamente desenvolvidos. Esse receituário é, na globalização atual, o do liberalismo econômico. Além disso, para evitar sobressaltos políticos, que podem gerar deserções de países "emergentes" envolvidos, também lhes é exigida a adoção de regras políticas, jurídicas, etc. que garantam a paz interna, de preferência com aspecto de democracia. Com tudo isso, esses países subdesenvolvidos são mantidos na esfera de exploração e dominação dos países capitalistas centrais, sem necessidade de impérios politicamente organizados, sem necessidade do uso da força militar - a não ser ocasionalmente. E tudo isso foi amplamente facilitado pelo colapso do "império soviético", que abriu novos espaços para a penetração do capitalismo e gerou a

crença (devidamente propagada por todo o mundo) de que não há outro caminho além do capitalista.

Interrompendo nossa linha de argumentação, é preciso dizer que uma outra tentativa de superar a oposição entre globalização e fragmentação foi a efetuada pelo "mundo comunista", dentro do qual os diferentes países teriam suas economias funcionando integradamente, de acordo com certas regras básicas ("o modo de produção socialista"), atuariam coordenadamente na política externa (inclusive nas ações militares), e adotariam algumas regras políticas comuns, mas seriam totalmente independentes enquanto países e até mesmo estimulariam suas culturas e tradições nacionais, preservando sua identidade. Mas tudo isso fracassou.

Voltando à nossa argumentação, outra característica nova e fundamental da globalização atual é o processo de unificação da burguesia dos países dominantes, que ocorre através do mercado de capitais e em dois níveis: setorial e espacial, interrelacionados. Quanto ao primeiro, trata-se do seguinte: com o extraordinário crescimento das empresas organizadas sob a forma de sociedades anônimas de capital aberto e o conseqüente aumento de suas ações (títulos) nas bolsas de valores, os capitalistas, através da compra de ações, podem participar do capital dos mais diversos tipos de empreendimento, em qualquer setor de atividade; assim, um capitalista ou um grupo de capitalistas deixa de estar "localizado" num único setor, mas passa a estar em muitos setores ao mesmo tempo; por exemplo, um burguês inicialmente industrial torna-se também burguês rural, comercial, financeiro, etc; em seu conjunto, a burguesia deixa de estar fragmentada em setores e se converte em burguesia unificada. Ao mesmo tempo, a burguesia se unifica espacialmente, não apenas em escala nacional mas também internacional: com a liberdade de movimentação do capital e a facilidade e a rapidez de compra e venda de ações, os capitalistas aplicam seus recursos nos mais diferentes países, em função de lucratividade esperada; assim, um empreendimento localizado na França, por exemplo, pode ter seu capital distribuí-

do entre investidores de muitos países; considerando que esse fluxo de investimentos é constante e envolve enormes valores, e que ocorre principalmente entre países capitalistas desenvolvidos, isso significa haver um processo de unificação das burguesias desses países. Seria presunçoso afirmar que esse processo esteja concluído (não há dados para isso), mas certamente está avançado; na Europa, a formação da Unidade Européia é evidência disso.

Esse processo tem importantes conseqüências para a globalização. Primeiro, porque promove a maior aproximação ou mesmo a integração dos países nele envolvidos, ou seja, os países capitalistas mais desenvolvidos. Segundo, porque esse processo extravasa para países "emergentes" e, através de suas burguesias, coloca-os diretamente na órbita dos mais desenvolvidos. Terceiro, porque elimina a formação de impérios, como acontecia antes, quando o capitalismo tinha bases fortemente nacionais. Agora a Inglaterra não precisa de seu império onde "o sol jamais se punha", a França não precisa de suas colônias, a Alemanha não precisa lutar para conquistar seu "espaço vital", os Estados Unidos não precisam impor pela força sua "doutrina Monroe", o Japão não precisa tomar pelas armas partes da Ásia. Agora, forma-se um único império, onde o centro dominante é constituído por todos esses países, e as colônias são todos os outros que circulam em sua órbita. Agora, embora ainda exista alguma competição nacional por áreas de influência nesse universo, a concorrência é fundamentalmente entre grandes empresas plurinacionais.

Já se proclamou o fim da história, com o capitalismo como único e imbatível modo de produção na face da terra. Muitos também anunciam que o atual processo de globalização é irreversível e definitivo; o mesmo deve ter sido afirmado pelos preferidos de César a respeito do Império Romano, os cortesãos da rainha Vitória sobre o grande Império Britânico, os ideólogos de Brejnev acerca do "império soviético". Certamente, um desrespeito à história. Mesmo nos dias de hoje, quando se pratica a louvação ao atual processo, já é possível discernir possibilidades de desagregação. Muitos países, que não aderiram ao processo e ao libera-

lismo econômico que lhe serve de doutrina, constituem fontes de resistência. Em países que aderiram ou mesmo que ajudaram a implantá-lo (como alguns países da Europa), já surgem sementes de discórdia; que acontecerá, então, quando ocorrer uma crise ou uma forte depressão econômica? E que acontecerá nos países subdesenvolvidos quando constatarem que, em vez de seu ingresso no "primeiro mundo", estão marchando para um empobrecimento crescente? E como reagirão os trabalhadores e outras camadas sociais em face do crescimento do desemprego, da redução de salários, dos cortes dos gastos sociais etc. que estão embutidos nesse processo?